

e meia dúzia de patacoadas sobre uma coisa a que se chama "estudo estilístico e ideológico do poema" ou "vamos ver os recursos estilísticos desta estrofe". Que linguística, porém? Será suficiente uma cadeira de Estilística ou de Teoria do Texto, para fornecer o ponto de contacto entre linguística e literatura? Ou será que as diversas cadeiras de Linguística Portuguesa não se deviam ocupar mais da língua literária, lembrados de que o estudo da língua portuguesa no ensino secundário passa essencialmente pela literatura?

O LUGAR DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DAS
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DOS CURSOS DE
LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS

GRAÇA RIO-TORTO/MICHÈLE MONTE
Faculdade de Letras de Coimbra

Duma maneira geral, as cadeiras de Língua estrangeira caracterizam-se por uma indefinição de conteúdo(s) e conseqüentemente, por consideráveis variações programáticas, determinadas pelo docente que as lecciona. Com efeito, essas cadeiras ora apresentam uma componente literária e/ou cultural predominante -mas injustificada dada a existência de cadeiras específicas de cultura e de literatura -, ora se limitam a repetir o trabalho de aquisição levado a cabo no ensino secundário.

Por outro lado, constata-se que a cadeira de Linguística alemã, francesa ou inglesa, mesmo quando autonomizada, dificilmente é capaz

de aprofundar, num só ano lectivo, aspectos tão variados como a Fonética, Fonologia, Morfo-Sintaxe, Léxico e Semântica da língua em estudo.

Para obviar a esta situação, preconiza-se que se imprima uma orientação predominantemente linguística às cadeiras de língua, de modo a que o ensino/aprendizagem dum idioma não seja feito de forma automática e inconsciente, mas antes em termos de reflexão e de crítica que tenham em conta os instrumentos operatórios (teóricos e metodológicos) fornecidos pela ciência da linguagem. Nesta linha de pensamento, podemos então interrogar-nos sobre o papel reservado à cadeira de Linguística estrangeira. Em breves palavras diremos que a esta cadeira que poderia funcionar no 3º ou 4º ano, competiria tão somente abordar e/ou aprofundar aspectos não/ou pouco explorados nos anos anteriores.

No que concerne às cadeiras de língua, não se pretende pôr em causa a importância habitualmente atribuída à produção de textos pelos alunos mas, pelo contrário, consideramos que lhes cabe o papel fundamental de incentivar a reflexão sobre os processos de produção próprios e alheios.

Deste modo, a aula de língua seria o lugar privilegiado da prática duma pedagogia formativa em que o aluno, progressivamente iniciado nos métodos de investigação, deixa de ser o receptor ou o utilizador acrítico de modelos pré-concebidos, para passar a assumir-se como constructor de novos conhecimentos, utilizáveis como instrumentos de reflexão sobre a sua própria prática linguística.

Abandona-se assim um tipo de ensino eminentemente normativo, dando-se azo a que o aluno se aperceba da relatividade e variabilidade das normas possíveis.

Destas opções metodológicas decorre a necessidade de recrutar pessoal docente com formação linguística bastante para permitir um empenhamento activo na pesquisa dos instrumentos de trabalho e das situações didácticas mais apropriado(a)s para uma abordagem estrí-

tamente Lingüística dos actos verbais.

Passamos agora a expor algumas das medidas concretas julgadas indispensáveis para a consecução dos objectivos enunciados.

Em primeiro lugar considera-se de toda a conveniência não reservar para a cadeira de Lingüística o conhecimento da Fonética e Fonologia duma língua, devendo estas matérias ser exploradas logo no início do curso de Língua.

Em segundo lugar, mais do que levar os alunos a discorrer sobre o conteúdo de textos escritos ou orais, importa fazê-los equacionar os processos envolvidos na sua produção (organização macro-textual, articulação tema-rema, problemas de co-referência, marcas de enunciação, etc.), e o modo como esses processos contribuem para a (re)construção dos sentidos emanados pelo texto. Há, de resto, toda a vantagem em explorar textos de índole diversa (argumentativos, descritivos, narrativos e outros que sirvam situações comunicativo-pragmáticas distintas), de forma a confrontar os alunos com o leque mais vasto possível de situações de investigação.

Por outro lado, exercícios de condensação e de expansão textual (resumos, dissertações), exercícios de transformação de textos (com base em diferentes níveis de língua ou em funções pragmáticas diversas) e, por último, exercícios de tradução, entre outros, revelam-se particularmente proveitosos para o reconhecimento e compreensão de especificidade lingüístico-textual duma língua.

A serem postas em prática as considerações anteriores, proporcionam-se ao aluno as oportunidades de, por um lado, problematizar as estratégias discursivas subjacentes a quaisquer actos de fala, e de interiorizar métodos de abordagem e de exploração dos actos lingüísticos que mais tarde poderá vir a aplicar na sua actividade profissional, especialmente na docência.

Em síntese, esta metodologia de trabalho não só estimula a capacidade de investigação do aluno como promove a sua autonomia crítica, tornando-o simultaneamente mais informado, mais participativo

e mais criativo no processo de aprendizagem. A sua adopção no ensino de línguas estrangeiras afigura-se, pois, altamente rentável se se pretender estudar uma língua dum ponto de vista estritamente linguístico.

O ENSINO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIVERSIDADE

JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA

Universidade do Minho

1. Os actuais planos de estudo das licenciaturas em Ensino de Português e Francês, de Português e Inglês e de Línguas e Literaturas Modernas, que se regem pelo Decreto-Lei nº 53/78 de 31 de Maio, incluem, no domínio linguístico, várias disciplinas, umas obrigatórias, outras optativas, iniciando-se os cursos com uma de carácter propedêutico - Introdução aos Estudos Linguísticos -, e alargando-se, em seguida, ao domínio da língua portuguesa: Fonética e Morfologia, Syntaxe e Semântica, concluindo com a História da Língua Portuguesa. Esta aparece, pois, no plano vertical, no 4º ano, como disciplina curricular.

Deixando de lado as disciplinas optativas - que podem abarcar um leque muito variado, desde a Psicolinguística e a Sociolinguística à Pragmática e à Dialectologia e que dependem muito dos recursos de cada Escola -, vamos tecer algumas considerações sobre as outras disciplinas, em especial sobre a História da Língua Portuguesa.

A inclusão desta disciplina nos "currícula" corresponde à necessidade de dar uma visão histórica, o mais completa possível, do nosso idioma, pois é indispensável não só dominar os mecanismos da língua, mas também conhecer as suas origens, para que o seu uso